

103

Missão vai aos EUA negociar com FMI

Diretores do BC partem hoje para Washington para tentar finalizar acordo

Vivian Oswald e Eliane Oliveira

• BRASÍLIA. Uma missão técnica brasileira chefiada pelo secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, e pelo diretor de Política Econômica do Banco Central (BC), Ilan Goldfajn, vai hoje à noite para Washington, para fechar novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). A viagem foi acertada, ontem, por telefone, entre o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o diretor-gerente do FMI, Horst Köhler.

As negociações para o que deve ser o terceiro acordo firmado pelo Brasil com o Fundo desde novembro de 1998 foram apressadas nos últimos dias, após a forte desvalorização do real frente ao dólar.

— Nós chegaremos a um entendimento em breve, algo que serve ao país e a seus interesses. Esse apoio internacional não faltará e não será expresso apenas em palavras. — disse Malan.

Para Malan, dívida pública brasileira é administrável

O novo acordo deverá ter medidas de curto prazo. Entre as alternativas em estudo, a mais provável é o aumento dos valores que o país ainda poderá sacar do acordo em vigência. São duas parcelas, uma em agosto e outra em novembro, cada uma de US\$ 500 milhões. A idéia é que estas parcelas sejam elevadas para cerca de US\$ 5 bilhões cada uma.

Além disso, o acordo deve incluir a redução do piso das



Givaldo Barbosa/B-2-2002

AMAURY BIER, do BC, vai hoje a Washington negociar com o FMI

reservas cambiais líquidas, hoje em US\$ 15 bilhões, para cerca de US\$ 12 bilhões.

A preferência da equipe econômica é que seja feito um acordo de transição, que tenha a validade estendida para os primeiros meses do próximo ano. Malan reafirmou que o governo não se eximirá de suas responsabilidades:

— Não estamos pensando em apresentar nenhum tipo de papel a ser assinado por qualquer dos candidatos.

Para o ministro, os candidatos já se expressaram em termos de compromisso com a responsabilidade fiscal, com a

geração de superávits, com a inflação sob controle e com o respeito aos contratos internos e externos.

Malan, mais uma vez, pediu serenidade e tranquilidade aos investidores para lidar com o atual cenário econômico. Ele falou novamente das dificuldades internacionais provocadas pelos problemas de fraudes de balanço e explicou que isso tem provocado uma grande aversão ao risco. O ministro reiterou que a dívida pública brasileira é administrável.

Segundo André Singer, porta-voz de campanha do candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva,

um novo acordo com o FMI é desnecessário e nocivo à economia por dois motivos: o governo ainda tem cartuchos para queimar e um novo acordo aumenta ainda mais a fragilidade da economia nacional e sua dependência do Fundo:

— A vulnerabilidade da nossa economia decorre em boa parte das orientações do FMI.

Segundo Singer, na reunião entre o deputado Aloizio Mercadante e o presidente do Banco Central, Arminio Fraga, há duas semanas, o PT sugeriu medidas que poderiam ser tomadas imediatamente para combater a crise. São elas: acelerar a aprovação no Congresso de uma mini-reforma tributária que desonere as exportações, aumentar o crédito do Proex (Programa de Incentivo às Exportações) e reduzir os juros.

Mantega vai à Europa explicar planos de Lula

O economista Guido Mantega, principal assessor econômico de Lula, considera precipitado fechar um novo acordo com o FMI.

— Acabamos de sacar US\$ 10 bilhões e acho que os recursos que temos são suficientes para chegarmos pelo menos até as eleições.

O economista viajou ontem para Londres, onde terá uma série de encontros com investidores estrangeiros. Depois, vai a Frankfurt, na Alemanha. O objetivo é explicar os planos de Lula e reafirmar o compromisso do PT em honrar os contratos do governo. ■